

CDD: 910.01

**ESPAÇO...REALMENTE É O OBJETO
DE ESTUDO DA GEOGRAFIA?**

**SPACE... IS THIS REALLY THE OBJECT
OF STUDY OF GEOGRAPHY?**

JULIO CESAR VAZ NITSCHKE

Geógrafo pela Universidade Federal do
Paraná

RESUMO

Deve-se ressaltar que para o autor a Geografia é uma ciência, mas não apenas social. É a ciência das relações entre o homem e a natureza, pois existem colegas que não admitem tal afirmação.

Avaliar a definição de espaço é fundamental para uma análise ambiental e entender as relações deste no âmbito geográfico.

Palavras-chave: espaço, teorias espaciais

Diálogo das idéias

Corrêa (1995, pp. 15-45) tenta especificar ou conceituar o espaço, abordando as várias definições dentro de cada corrente filosófica (pensa-

mento geográfico), finalizando com uma não conclusão.

Na página 16, o autor menciona: “No presente texto considerar-se-á o conceito de espaço tal como os geógrafos entendem”.

Primeiramente, o geógrafo não conceituou espaço ainda, ficando este conceito um debate em aberto até os dias de hoje. Então como pode o geógrafo entender o que é espaço? (seja ele geográfico ou não, *pois espaço geográfico surgiu em uma vertente de pensamento*).

Corrêa, em sua explanação sobre o espaço, admite que a Geografia é uma ciência social, fixando a idéia de relações sócio-culturais, políticas, religiosas, administrativa, econômica, enfim: Tudo que se correlaciona especificamente com o meio humano (Geografia Humana), sem considerar importante o meio físico (Geografia Física). Conforme descrito pelo próprio autor: “Como ciência social, a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, lugar e território”.

Com esta explanação, inicia-se um retrospecto histórico do conceito de espaço, abordando as várias correntes, iniciando com a Geografia Tradicional, apontando a não constituição de um conceito chave, para denominar espaço, porém, está presente na obra de Ratzel e de Hartshorne, ainda que, no segundo, de modo implícito.

Logo após, o autor caracteriza o espaço e a geografia teórico-quantitativa, calcada no positivismo lógico. Ocorrendo profundas modificações na Geografia (1950), citando vários autores, como: James (1972), Claval (1974), Christoffoletti (1976) e outros. Sendo que nesta época, adota-se a visão epistemológica da ciência, forjada nas ciências da natureza. Surgindo desta maneira, modelos matemáticos para explicar ou planejar as cidades ou relações sociais.

Dentro desta corrente, aparecem os representantes: Von Thünen, Christaller, Weber e Harvey.

Como é importantíssimo referenciar Christaller, deve-se ressaltar um pouco do trabalho deste, dentro desta época, que até hoje utiliza-o como base para formular e planejar as cidades, ou descobrir como ocorre o funcionamento das relações sócio-espaciais urbanas com a morfometria local ou se preferir, a forma da cidade, recaindo na teoria da hierarquia dos lugares centrais.

Em 1933, Walter Christaller publicou o seu grande trabalho, deno-

minado “CENTRAL PLACES IN SOUTHERN GERMANY, que propiciou ampla base teórica para análise locacional em Geografia Urbana. Não sendo apenas seu conteúdo empírico o mais importante, mas sim, em sua inovação metodológica. Christaller (1933), desenvolveu um conjunto de proposições interrelacionadas baseadas em uma série de hipóteses e restrições simplificadas, que formaram uma teoria de localização dos centros de serviços. Servindo de suporte a uma sistematização para o estudo das distribuições urbanas.

Desta maneira, a mais importante característica desta teoria são os padrões previstos, sendo comparados com a distribuição real de cidades, tendo como resultado, mais teorias sofisticadas de localização sendo desenvolvidas.

Deve-se ressaltar, que esta não foi a única teoria a ser elaborada nesta época, mas se tornou a mais importante, demonstrando que princípios de relações fundamentais, determinam a distribuição de cidades, e que, esses fatores, podem ser modelizados de maneira a se atingir explicações teóricas gerais de localização urbana. Esta teoria foi capaz de conter expressões matemáticas, significando uma quantificação nas análises geográficas.

Ao se fazer um retrospecto desta teoria, percebe-se que na época da realização e implementação dos planos de desenvolvimento das Regiões Norte e Nordeste (no Brasil), surgindo posteriormente as Superintendências de Desenvolvimento, denominadas: SUDENE, SUDAM, SUDESUL e outras, foram embasadas neste modelo, não obtendo sucesso, devido à falta de infra-estrutura e mecanismos políticos de continuidade do projeto em foco.

Esta Teoria se confronta com os moldes atuais de desenvolvimento, pois algumas cidades brasileiras foram criadas por imposição político-administrativa, como a cidade de Brasília e o Estado de Tocantins, criando como capital a cidade de Palmas.

Retornando ao texto de Corrêa, na Geografia Teórica, o espaço é considerado sob duas formas:

1 - Planície Isotópica: Admite-se uma superfície uniforme, onde desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam a diferenciação do espaço.

2 - Representação Matricial: São meios operacionais que nos permitem conhecer e estabelecer fluxos, hierarquias e especificações funcionais, auxiliam na compreensão da organização espacial.

Saindo das análises anteriores, adentramos o enfoque de Milton Santos: “Um sistema de realidade, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: Uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, uma explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura espacial, organização do espaço, estrutura espacial que assegura o encadeamento dos fatos. (...) O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam o mesmo. (...) Quando Armando Corrêa (1982) enuncia que não há Geografia sem teoria espacial consistente, afirma também que essa “teoria espacial consistente” só é válida se dispuser de um “conceito referente à natureza do espaço. O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: Coisas e relações juntas. Eis porque sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas da Geografia, o resultado de uma interação entre homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Na página 73, sub-capítulo 12, Milton Santos discursa: “O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço é estrutural. A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A espacialização é sempre o presente, presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente. O espaço é igual a paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. A espacialização não é o resultado do movimento da sociedade apenas, porque depende do espaço para se realizar”.

Debatendo as idéias de paisagem e espaço (de Milton Santos), mais

especificamente no momento em que se refere que o espaço é igual a paisagem, o autor deste artigo, entende que o espaço é a estrutura morfodinâmica que sustenta a paisagem, porém a paisagem pode ser natural ou artificial. Pois na verdade, o homem cria ou constrói paisagens artificiais, modificando as paisagens naturais – pré-estabelecidas.

As análises de Milton Santos explanam a relação sociedade/natureza, porém, esta avaliação se calca nas relações sociais humanas, sendo construída a idéia de que o espaço é produzido pelo homem. No artigo “Produção e reprodução do espaço na escola: O uso da maquete ambiental” (Rev. Paraná. Geogr. 1999, p. 28), Kozel escreve: “É imprescindível adquirir uma visão de conjunto, de mundo, de sociedade e natureza. Pensando a cidadania como participação, integração a um todo maior estabelecido e vivido na realidade através da relação sociedade natureza, na produção do espaço. E a Geografia é o veículo que elegemos para esse “estar no mundo”. Viver, pensar, participar, localizar-se neste espaço dinâmico e contraditório é o que denominamos de espaço Geográfico. A terra é o lugar de múltiplas relações e a Geografia é uma das lentes que permite a sua leitura. O olhar geográfico sobre o mundo se projeta através destas múltiplas relações, onde o aluno é produtor do espaço e o espaço é o produto. Os homens produzem seus espaços (...)”.

O ser humano não cria espaço, ele cria a paisagem artificial ou modifica o meio onde se estabelece (o local de permanência ou cidade).

É interessante o título do livro de Santos “Metamorfose do Espaço Habitado”, pois o planeta realmente é habitado e sofre transformações, sendo que a paisagem se altera constantemente, seja por imposição do homem, ou por fenômenos físico-químicos naturais.

A única criação de espaço, este realizado pelo homem, seria o espaço mental (o mundo imaginário existente nos seres humanos, seja criado por sonhos ou por idéias de criação na hora de desenhar, pintar ou simplesmente o ato de pensar em algo com a construção e criação de planetas e cidades ou estações espaciais).

O espaço está formulado na idéia deste autor (quem redige o texto) como algo concreto, que seria o planeta Terra, mas pode ser qualquer planeta. Que na verdade é o complemento de um outro espaço, o espaço sideral.

O espaço terrestre é o mais importante para o contexto geográfico, pois o próprio nome da ciência Geografia, advém do entendimento de descrever a Terra. Porém, apenas descrever, não condiciona a área de es-

tudo como uma ciência, sendo necessário desenvolver teorias e encontrar respostas aos questionamentos que equacionam e expressam o funcionamento das relações sociedade/natureza, ou o funcionamento da dinâmica dos elementos físicos e químicos terrestres, associado as influências extraterrestres. Entramos em uma nova discussão improdutiva, que seria expressa em uma única dúvida: A Geografia é uma ciência?

Muitas teorias geográficas foram desenvolvidas, muitas questões levantadas, análises estão sendo feitas e novas teorias estão sendo desenvolvidas no meio geográfico. Desta maneira, pode-se inferir que a Geografia é uma ciência. Pois em sua formulação de idéias e teorias, há a busca pelo conhecimento e saber. E ciência, nada mais é que isto!

O que atrapalha o desenvolvimento científico geográfico é a dicotomia existente nesta área do saber. Faz-se necessário reavaliar os paradigmas que regem tal ciência.

Saindo desta discussão, retoma-se o assunto espaço, sendo que só é possível a criação de monumentos, cidades ou qualquer outro tipo de construção em um espaço concreto e definido. O espaço sideral é definido assim, devido a existência de corpos celestes e elementos físicos e químicos, que “habitam” ou orbitam tal espaço. Espaço nada mais é que o local onde ocorrem relações dos elementos, e é possível a existência de corpos ou objetos, formando ambientes propícios ou não à vida, sendo que os elementos correlacionam-se e interagem entre si.

Como os seres vivos (inclusive o homem) estabelecem suas relações sociais neste planeta e toda a influência (relações, fluxos e compactualidade) são expressos na superfície deste, pode-se afirmar, que os seres não pertencentes a espécie Homos vivem em ambientes pré-estabelecidos, porém não são capazes de criar um novo ambiente ou habitat, eles podem sim, modificar o meio, como é o caso dos castores construtores de represas.

O homem cria ambientes e modifica o meio, porém dentro de um espaço concreto, formado ou pré-estabelecido (Planeta Terra, que está inciso no espaço sideral) . A Estação Orbital, que está sendo construída, não é um espaço...é um ambiente modelado e criado pelo homem, este estacionado no espaço sideral.

Em suma...espaço para a Geografia , não entrando nos conceitos da Física Quântica e dos Fractais, deve ser entendido como: Local onde é possível a existência de corpos, objetos, relações físicas e químicas, propícias ou não ao desenvolvimento de seres vivos. O homem apenas inte-

gra, se correlaciona, interfere, se relaciona e interage neste (direta ou indiretamente), através da criação de novos ambientes (criação de objetos para transportes, energia, fluxos e relações sociedade/natureza, construção de cidades, estações espaciais, satélites, naves, etc).

Neste contexto, existem apenas dois espaços, porém um está contido no outro. Seriam o espaço sideral, que comporta os corpos celestes e estes estabelecem relações e fluxos entre si, e o espaço planetário, pois os planetas constituem um local onde é possível a existência de corpos e objetos, tendo este relações e integração, que propiciam ou não a vida (sem influência do homem, pois o homem foi concebido a este espaço. Logo existiu, pois é uma forma de vida).

Os demais espaços que a Geografia estabelece, são na verdade ambientes artificiais criados pelo homem. A cidade é uma das maiores invenções do homem, no entanto não é um espaço, é um ambiente artificial, montado, fixado e formado na superfície terrestre (espaço terrestre), se fosse na lua, seria no espaço lunar.

Desta forma, pode-se denominar a casa como um ambiente com cômodos. Mas não denominá-la de espaço.

Vários ambientes formam um ecossistema. A cidade é um ecossistema, pois nela existem vários ambientes, relações e fluxos de energia, transporte e outros fatores que constituem o ecossistema. Denomina-se então, de Ecossistema urbano (sendo estudado amplamente), direcionado pelo ramo da ciência ecologia urbana. Comprovando a correta denominação de ecossistema para as cidades. Pois alguns autores não consideram tal descrição correta, devido ao fato da cidade não ser auto-sustentável. Mas como a cidade é um ambiente criado pelo homem, a auto-sustentabilidade, se dá por ele mesmo, através dos fluxos e relações sociedade/natureza.

Enfatizando as idéias anteriormente descritas, questiona-se o objeto de estudo da Geografia. O espaço é realmente o objeto de estudo da Geografia?

O autor deste acredita que o objeto de estudo não é o espaço, pois há várias áreas do conhecimento trabalhando com espaço, como a economia, arquitetura e urbanismo, a astronomia e outras.

A Geografia se preocupa com as atividades e relações humanas no meio, sendo este o ponto fundamental. Deve-se atribuir como objeto de estudo da Geografia a **RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA**. Este deve ser de fato o estudo e ponto de partida no desenvolvimento das pesquisas e

dos trabalhos geográficos.

A Geografia perdeu muito tempo procurando respostas sobre espaço, criando profundas e inertes discussões, sem criar e desenvolver trabalhos concretos que auxiliem nas decisões políticas, administrativas e que gerem resultados práticos aos planejamentos de cidades e preservação do meio ambiente, inclusive nas atividades escolares.

O espaço é apenas um pano de fundo nos questionamentos geográficos. Está na hora de parar de teorizar o espaço e começar a trabalhar nele!

Recebido para publicação em 10/2000

Aceito para publicação em 2/2001

ABSTRACT

It should be said that, to the author of this article, geography is a science, but not only a social science. It is the science of the relations between man and the nature, although some geographers do not accept such an assertion. To evaluate a definition of space is fundamental for an analysis of the environment and also to understand its relation within the geographical ambit.

Key words: space, spacial theory

Endereço para contato: devoniano@uol.com.br

REFERÊNCIAS

CHRISTALLER, W. **Die Zentralen Orte in Suddeutschland**, Gustav Fischer, Jena, 1933. Traduzido por Baskin, C. W. como **Central Places in Southern Germany**, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ, 1966.

CORRÊA, A. L. **Espaço, um conceito chave da Geografia**. São Paulo: Ática, 1995.

KOZEL, S. Produção e reprodução do espaço na escola: o uso da maquete ambiental. **Revista Paranaense de Geografia**, 1999.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.